

E eu não sou mulher? Sim, Proclame sua voz.¹

Larissa Maria dos Santos Baia²

Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA

Josefa Melo e Sousa Bentivi Andrade-Zefinha Bentivi³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA

Resumo

Este artigo aborda, brevemente, a luta das mulheres negras no interno dos movimentos sociais Feminista e Negro. Tendo em vista a interseccionalidade da luta das mulheres negras contra o machismo e o racismo, essas mulheres deveriam ser representadas pelos movimentos sociais Feminista e Negro, que lutam contra essas práticas, respectivamente. Entretanto, diante da reprodução do racismo no feminismo e do machismo no Movimento Negro, essas mulheres são por diversas vezes silenciadas e tendo suas pautas marginalizadas. Além disso, traçamos a trajetória de luta das mulheres negras e a importância das suas agendas na construção de uma sociedade mais pluricultural e multirracial, sobretudo, enfatizamos as novas formas de militância pela apropriação das mídias sociais.

Palavras chave: Mulheres Negras; Movimentos Sociais; Feminismo; Movimento Negro.

¹ Trabalho apresentado ao GT5, da XIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã - *Comunicação, Direitos Humanos e Diversidade*, realizada na Universidade Federal do Maranhão, em São Luís, MA, de 21 a 23 de novembro de 2018.

² Aluna do segundo período do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão. São Luís-MA, laribaia26@gmail.com

³ Colaborador do jornal ..., publicado pelo MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assentamento de ..., Cidade-Estado, e-mail



1. Introdução

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem- quando tinha o que comer- e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?(RIBEIRO, 2016, p.100).

O discurso acima cujo título é “E eu não sou uma mulher?” é da ativista, norte americana, Sojourner Truth, a qual, nascida escrava, conquistou sua liberdade em 1826. O discurso representa uma intervenção da ativista na Convenção dos Direitos das mulheres em Ohio, 1851. Nessa fala, Truth chamava atenção para diferença de luta entre a mulher negra e a mulher branca e para omissão do Movimento Feminista às particularidades da mulher negra. Mais de três séculos depois, a crítica de Truth continua atual. De fato, os movimentos sociais Feminista⁴ e Negro⁵ omitem as peculiaridades das agendas da mulher negra. Além disso, é fundamental salientar a importância da mulher negra nesses movimentos e da sua representatividade para luta de uma sociedade mais pluricultural e multirracial.

Tendo isso em vista, no Brasil, país historicamente racista e misógino onde a discriminação de raça e de gênero é constante, as singularidades da mulher negra se intensificam ainda mais. Dessa forma, o surgimento do movimento das mulheres negras, no país, dá-se por volta da década de 70, quando as mulheres negras perceberam que as pautas do Feminismo e do Movimento Negro não as contemplavam.

O Movimento Negro desconsiderava o machismo como peça na engrenagem da dominação capitalista. O Movimento Feminista, por sua vez, ignorava a existência do racismo. Por esse motivo, as mulheres negras perceberam que, mesmo estando presente nas lutas sociais havia uma ausência da percepção de gênero nas discussões, reflexões e proposição de superação do racismo, bem como na luta pela igualdade de gênero. (GOMES apud Moura etall, 2013)

Nessa perspectiva, nesse artigo abordamos, brevemente, a importância da mulher negra nos movimentos sociais e da sua representatividade nos movimentos hegemônicos Feminista e Negro. Além disso, propomos uma reflexão sobre a omissão do Feminismo e do Movimento Negro com as pautas das mulheres negras e a não representação delas nesses movimentos, uma condição que vem sendo alterada pela apropriação das redes sociais como espaço de militância das mulheres negras. Para essa análise,

⁴ Feminismo é um movimento social e político que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, buscando dessa forma a libertação de padrões patriarcais estabelecidos em nossa sociedade. O movimento feminista contribuiu nas organizações de lutas pautadas na emancipação da mulher, questionando sua condição subordinada. (COELHO; GOMES, 2015).

⁵O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante. (GOMES, 2017).



utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, que ajudou a entender a base teórica do tema abordado. Tendo como ângulos os aspectos histórico-culturais, sociólogos e os estudos de Gêneros.

2. MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais são organizações sociopolíticas desenvolvidas por agentes sociais que constroem ações baseadas em problemas sociais. Suas expressões são representadas por manifestações de conjunto de pessoas movidas pelo sentimento de solidariedade (MOURA, 2010). O surgimento desses movimentos está relacionado com a expansão da noção de democracia uma vez que, em regimes democráticos, ocorrem diversas transformações nos processos de sociabilidade. Neste contexto, os movimentos sociais são responsáveis por dar a importância às classes marginalizadas. “Pluralização de identidade, novas formas de solidariedade, individualismo e a efervescência de novos movimentos sociais são as dimensões mais explícitas desse movimento” (RODRIGUES; PRADO, 2010).

Dessa forma, os movimentos sociais assumem a representação de uma luta pela identidade política de um grupo social. No Brasil, durante a década de 70, dois movimentos sociais ressurgem (haja vista que já existiam antes do período de ditadura militar), pautando lutas pela redemocratização e pela igualdade de gênero e de raça. São estes, respectivamente:

2.1 MOVIMENTO FEMINISTA

O feminismo é um movimento social e político, que teve sua origem no século XIX, tendo sua primeira onda na Europa. O movimento pauta a igualdade de gênero e a libertação das mulheres da cultura patriarcalista, enraizada nas sociedades.

As primeiras manifestações desafiaram ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público e também, proposta mais radicais que iam além da igualdade política, mas que abrangiam a emancipação feminina, pautando-se na relação de dominação masculina sobre feminina em todos os aspectos da vida da mulher. (ALVES, p.15, 1991 apud MOURA, 2013).

Do século XIX adiante, o movimento feminista se espalhou por todo mundo, convocando mulheres a se juntarem para lutar em prol da sua liberdade e pela igualdade de gênero. É importante frisar que as décadas de 60 e 70, do século XX, foi o período de maior efervescência do movimento que consolidou as agendas do feminismo no mundo. No Brasil, o movimento ganhou força durante a década de 1970, mesmo em um período marcado pela repressão e censura por conta da ditadura militar. Tornou-se o movimento de mulheres mais respeitado de todo o mundo. De referência, portanto. “Esse movimento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de democratização do Estado produzindo, inclusive, inovações importantes no campo das políticas públicas.” (CARNEIRO, 2003).



2.2 MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

A luta pela igualdade racial, no Brasil, teve sua origem desde o período colonial, quando os negros escravizados articulavam fugas e revoltas pela sua liberdade. “Na realidade, a crença na passividade do africano escravizado no Brasil, na indolência, na preguiça e de seu conformismo diante da escravidão trata-se de um equívoco histórico” (MUNANGA; GOMES, 2006). As fundações de quilombos⁶ dispersaram por todo Brasil, simbolizando a luta e a resistência dos povos afro-brasileiros e africanos. De modo que, após a abolição da escravidão, os movimentos de resistência negra continuaram, uma vez que, mesmo os negros sendo libertos, pela lei, não tiveram políticas públicas que os inserissem na sociedade como cidadãos libertos. “Treze de maio: traição, liberdade sem asas e fome sem pão” (SILVEIRA, 1971).

No final da década de 70 e início da de 80, do século XX, a luta contra o racismo é reavivada, após o período de censura e repressão da ditadura militar. Em 1978, foi originado, em São Paulo, o Movimento Negro Unificado, um movimento pautado na luta antirracista em todo o Brasil e na luta de inserção do negro na sociedade como cidadão de direitos.

3. MOVIMENTO DAS MULHERES NEGRAS

Ao iniciar este tópico, fazemos uma reflexão sobre o movimento das mulheres negras posto que este movimento mira como bandeira de luta dois grandes desafios: a luta contra o racismo e contra o machismo. Nesse sentido, convém-nos salientar que a interseccionalidade⁷ de lutas das mulheres negras, contra o machismo e o racismo, deveria colocá-las representadas pelos movimentos sociais Negro e Feminista. Entretanto, a reprodução do machismo presente no Movimento Negro e reprodução do racismo

⁶ “Quilombo não significa refúgio de escravos fugidos. Tratava-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência resultante do esforço dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativo e da organização de uma sociedade livre. Os quilombos eram homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema” (MUNANGA; GOMES, 2006).

⁷ “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmica da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdade básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 1989 apud RIBEIRO, 2016).

presente no Movimento Feminista fizeram as ativistas negras perceberem que suas pautas eram omitidas nos discursos desses movimentos e que a representatividade dessas mulheres negras era negada por esses movimentos.

Desse modo, segundo (RODRIGUES; PRADO, 2010), esses movimentos acabaram produzindo certa forma de opressão interna, uma vez que silenciaram as vozes das mulheres negras no interior dos movimentos, diante de formas de opressão racista e machista. Em razão da opressão produzida nos internos desses movimentos sociais, as mulheres negras que, por muito tempo, foram silenciadas e tiveram seus problemas sociais marginalizados, entenderam que era preciso que esse silêncio fosse quebrado por elas. “O silêncio não vai te proteger” diz Audre Lorde⁸.

Por esse motivo as mulheres negras perceberam que, mesmo estando nas lutas sociais havia uma ausência de percepção de gênero nas discussões, reflexões e proposições de superação do racismo, bem como uma ausência de raça na luta pela igualdade de gênero (GOMES, 2008, nº de serie 160 apud COELHO; GOMES, 2015)

A partir desse reconhecimento como sujeito político e com voz, as mulheres negras começaram a se reunir e discutir as suas singularidades que até então eram caladas nos outros movimentos. Assim, mobilizaram-se dentro do movimento feminista, permitindo a ampliação do movimento das mulheres negras, segundo Rodrigues; Prado (2013). No Brasil, o feminismo negro começa a ter força na década de 80, do século XX. Conforme Núbia Moreira, a relação do movimento das mulheres negras dentro do feminismo se estabeleceu a partir do III Encontro Feminista Latino-americano, em Bertioga 1985 no qual emergiu a organização atual das mulheres negras com intuito de adquirir visibilidade política no campo feminista das mulheres negras. (RIBEIRO,2016). Dessa forma, em 1988, no Rio de Janeiro, foi realizado I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), importante marco para luta das mulheres negras ativistas em prol de uma visibilidade e uma representatividade nos movimentos sociais.

Assim, o movimento foi ganhando força e lugar de fala, suas vozes foram ganhando ecos. Dessa maneira, em uma sociedade historicamente racista e patriarcalista, como a sociedade brasileira, dar voz a essa parcela da sociedade é fundamental e necessário, à medida que as pautas trazidas pelo Feminismo Negro são essenciais para construção de uma sociedade mais pluricultural e multirracial.

⁸Audre lorde foi uma escritora americana de descendência caribenha, feminista lésbica e ativista na luta pelos direitos humanos. Escreveu romances que abordam temáticas como feminismo e opressão, além de direitos humanos. Sua obra poética foi publicada a partir da década de 60. Os temas mais abordados em sua obra são amor, traição, nascimento, classe social, idade, raça, sexualidade, gênero e saúde, haja vista que veio a falecer devido a um câncer de mama. Sua poesia é um espaço também em que ela se afirma como lésbica e feminista negra. (GELEDÉS- www.geledes.org.br).

4. NOTAS DE VIDAS E DE SUCESSO DE MULHERES NEGRAS

4.1 Raquel Trindade

Atriz, pesquisadora, dançarina, professora de sincretismo religioso afro-brasileiro e escritora. Filha da coreógrafa e terapeuta ocupacional Maria Maragarida e do poeta e ativista Solano Trindade, que foi um grande nome das lutas contra a discriminação racial no Brasil. Raquel, nascida em 1936, em Recife, foi uma ativista que comandou lutas em favor da cultura afro-brasileira. Fundou o Teatro Popular Solano Trindade, no Embu, lugar de referência na preservação e promoção da cultura negra no Brasil.

4.2 Lélia Gonzalez

Nascida em Minas Gerais, em 1935, filha de pai negro, o ferroviário Accacio Serafim d' Almeida, e de mãe índia, Orcinda Serafim d' Almeida Lélia de Almeida González. Lélia foi uma militante da causa da mulher e do negro. Graduada em História e Filosofia e mestre em Comunicação pela UFRJ e doutora em Antropologia Social pela USP, Gonzalez usava seu espaço acadêmico para desenvolver pesquisas sobre temática relacionada às mulheres e aos negros.

Lélia destacou-se na política pela importância na fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e do Coletivo de Mulheres Negras. (MUNANGA; GOMES, 2006).

Lélia exerceu um papel fundamental na criação e ampliação do movimento negro contemporâneo. Em termos pessoais, seu grande orgulho foi servir como “catalisadora” dos anseios de uma parcela da juventude negra de Salvador, Bahia, no final dos anos 70. A partir de um ciclo de palestras que ela realizou na cidade, em maio de 1978. Este fato revela o que, para mim foi o traço mais característico de Lélia: a capacidade ímpar de nos instigar com a exuberância de sua fala, nos inspirar com a luminosidade de sua personalidade”. (Luiza Barros. Extraído do artigo “Lembrando Lélia Gonzalez. In.: Livro da saúde das Mulheres Negras apud GELEDES - www.geledes.org.br)

4.3 Benedita da Silva

Nascida em 1942, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se Auxíliária de Enfermagem. Em 1982 deu início sua carreira pública, quando foi eleita vereadora no Rio de Janeiro. Em 1986, elegeu-se deputada federal e participou da Assembleia Nacional Constituinte, onde foi titular da Subcomissão dos Negros, das Populações Indígenas e Minorias.

Em 1994, ela se tornou a primeira mulher negra a ocupar uma vaga no Senado. Em 2001, presidiu a Conferência Nacional de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, que reuniu mais de 10 mil pessoas de todo país. (MUNANGA; GOMES, 2006).

4.4 Elisa Lucinda

Nascida em 1986, no Espírito Santo, formou-se em Jornalismo. Atuando em cinema, teatro e na Televisão, publicou seu primeiro livro de poesia em 1994, *O Semelhante*, popularizando na poesia com seu jeito coloquial é considerada um dos maiores nomes da poesia brasileira. Ganhou o Prêmio Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil, com seu poema infantil *A menina transparente*. (MUNANGA; GOMES, 2006).

4.5 Dandara dos Palmares

Dandara dos Palmares foi esposa de Zumbi dos Palmares e com ele também lutou com armas pela libertação dos negro e negras no Brasil. Assim como Zumbi, Dandara foi uma grande liderança no quilombo dos Palmares, comandou lutas e reivindicações para libertação dos negro.

Dandara casou-se com Zumbi, guerreiro que assumiu a liderança dos Palmares na fase final do quilombo, e, segundo as narrativas populares, participou junto a ele da luta armada contra a antiga liderança do quilombo, que pretendia entrar em um acordo com a coroa portuguesa. Ela também teria liderado junto ao companheiro os vários enfrentamentos que ocorreram entre os integrantes do quilombo e soldados da coroa. (COSTA, 2017).

A necessidade de que mulheres tenham suas histórias resgatadas e sirvam como modelo para as demais apresentam as redes sociais como espaço político por excelência em que a voz e vez dessas mulheres

5. MÍDIAS SOCIAIS COMO ECO DO FEMINISMO NEGRO

Desde o advento da internet, após a Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu cada vez menor, ultrapassando barreiras e aproximando pessoas que estavam há milhares de distâncias uma das outras. Assim, o surgimento da internet, e com ela as mídias sociais, deixou o mundo mais conectado. Para além dessa aproximação, as mídias sociais têm sido espaços de falas para movimentos sociais, a exemplo, dos movimentos feminista, movimento negro e LGBTQ+, entre outros. Tendo em vista esse lugar de ativismo que as mídias sociais têm proporcionado aos movimentos sociais, observamos a crescente visibilidade digital do qual o movimento Feminista Negro, no Brasil e no mundo, tem se apropriado para ecoar sua voz.



Em se tratando de mídias sociais vários são os espaços midiáticos que se constituem como lugar para a disseminação das ideias do Feminismo Negro. Entre os quais privilegiamos o site GELÉDES⁹ Instituto da Mulher Negra para imprimir algumas considerações sobre as contribuições que tem conformado para a visibilidade às questões do feminismo negro. Inaugurado em 1988, constitui-se uma organização políticas de mulheres negras e tem por objetivo lutar contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras em particular e a comunidade negra em geral. Precipuamente, tem consolidado as discussões sobre a problemática da mulher negra como aspecto fundamental da temática de gênero na sociedade brasileiro impulsionando o debate sobre a necessidade de adoção de políticas públicas inclusivas para a efetivação do princípio de igualdade de oportunidade para todos.

Com plataforma no Facebook e um *website*, o GELEDÉS tem sido um grande espaço para militância do movimento feminista negro, tendo diariamente um número alto de acesso, a página tem sido fundamental para consolidar as deretizes do Feminismo Negro no Brasil.

A entidade também possui portal, onde oferece informação sobre a História Africana e o combate à violação de direitos humanos, como racismo, sexismo, violência policial, intolerância religiosa, violência de gênero e preconceitos. Nesse ambiente digital também disponibiliza planos de aula, dossiês pautados na valorização da história negra, e apresenta o espaço “*guest post*”, onde publica conteúdo produzido pelos internautas. (JOHNSON; DE LIMA; RIBEIRO, 2017).

Desse modo, sem desconsiderar outros espaços de luta, como as ruas, a exemplo, a Marcha das Mulheres Negras que, em 2015, levou milhares de mulheres às ruas para vozear em favor da liberdade, igualdade racial, direito ao trabalho, à cidadania e território, à educação e justiça, é importante salientar a importância das redes sociais para organização e divulgação desse ato (COELHO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do discurso “E eu não sou uma mulher?” da ativista, norte americana, Sojourner Truth o qual chama atenção para diferença de luta entre as mulheres negras e as mulheres brancas e para omissão do Movimento Feminista às particularidades de luta das mulheres negras. Abordamos no presente artigo, a luta da mulher negra no interior dos movimentos sociais Feminista e Negro, que deveriam representá-las em seus discursos contra o machismo e o racismo, respectivamente. Entretanto, tendo em vista a reprodução do machismo no Movimento Negro e o racismo no Movimento Feminista, as vozes das

⁹ Geledé é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem estar da comunidade. (GELEDÉS- www.geledes.org.br).

mulheres negras são silenciadas nos dois movimentos sociais e suas agendas marginalizadas e esquecidas nos discursos hegemônicos dos movimentos.

Em razão a isso, as mulheres negras vêm se movimentando dentro dos movimentos sociais hegemônicos para o reconhecimento das suas pautas e para sua construção como sujeitos políticos de direitos. Dessa maneira, com a discussão das pautas dessas mulheres e a crítica que e o movimento das mulheres negras vem fazendo aos movimentos sociais, sobre a omissão, vem desenvolvendo a noção de sociedade pluricultural e multirracial.

O Movimento de Mulheres Negras procura de mostrar como as reivindicações por uma sociedade que reconheça as mulheres negras enquanto iguais em termos de direitos de cidadania e, ao mesmo tempo, ofereça ampla possibilidade para que se mostrem diversas, específica, encontram-se sobretudo, integradas ao ideal de uma sociedade democrática e pluralista. (RODRIGUES; PRADO, 2010).

Para demonstrar as lutas dessas mulheres, mostramos a vida e sucesso de algumas mulheres negras ativistas, que fizeram histórias na representatividade das mulheres negras no Brasil. Dessa forma, concluímos que, por muito tempo, as vozes das mulheres negras foram silenciadas, suas pautas e singularidade deixadas de lado, sua história de luta omitida. Entretanto, mesmo diante de toda opressão, mulheres negras vêm conquistando seu lugar de fala e chamando atenção para suas pautas, para os problemas que todo dia essas mulheres enfrentam e exigindo respeito às suas singularidades.

Referências

- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. S. Paulo: Boitempo, 2016 (1981).
- CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher Negra*. Ed. Nobel/ CECF, São Paulo, 1985.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. 1. Ed. Letramento. São Paulo, 2017.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*- São Paulo: Global, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. Estudo Avançado. *Mulheres em movimento*. São Paulo. Sept/Dec, 15 de novembro de 2003.



_____. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir da perspectiva de gênero*, 2003.

DAMASCO, Mariana; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. *Feminismo Negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1996)*. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado).

RODRIGUES, C. S.; PRADO, M. A. M. (2010). *Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com Estado brasileiro*. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 445-456, 2010.

MOURA, Mayra de Paulo Bispo; RODRIGUES, Sara Veloso; GODINHO, *Movimento negro e no movimento feminista*. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidade II. Belo Horizonte, 8 a 11 de outubro de 2013.

RIBEIRO, Djamila. *Feminismo Negro para um novo marco civilizatório*, 2016.

COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. *O Movimento Feminista Negro e suas particularidades na sociedade brasileira*, 2015.

COSTA, Cássia Fernanda de Oliveira. *Dandara dos Palmares e a mulher contemporânea: do discurso folclórico aos discursos de representatividade*, 2017.

GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA (www.gelees.org.br).

JOHNSON, Telma Sueli Pinto; DE LIMA, Pedro Augusto Farnese; RIBEIRO, Marcela Xavier. *Apropriações Midiáticas do Feminismo Negro na Contemporaneidade*, 2017.

COELHO, Mayara Pacheco. *Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais*, 2016